

AVALIAÇÃO DE UM CURSO DE AUXILIAR DE ENFERMAGEM POR SEUS EGRESSOS

PREVIOUS STUDENTS OPINION ABOUT A NURSING AUXILIARY COURSE

Enaura Helena Brandão Chaves¹
Valéria Giordani Araujo²
Margarita Ana Rubin Unicovsky³

RESUMO

O estudo avalia o desempenho de um curso de auxiliar de enfermagem desenvolvido em um hospital de ensino, identificando aspectos positivos e negativos de seu funcionamento através da opinião de alunos egressos com relação ao alcance dos objetivos propostos, duração do mesmo, conteúdos ministrados, integração teoria x prática, estágios e processo de avaliação. Os dados foram coletados em uma população de 16 alunos que responderam a um questionário cujos resultados identificaram que o curso avaliado é reconhecido na comunidade e vem alcançando seus objetivos junto a mesma, embora algumas sugestões apresentadas levem-nos a repensar uma melhor forma de transmitir e internalizar no aluno a importância do embasamento teórico para uma formação profissional qualificada.

UNITERMOS: *cursos de enfermagem, educação em enfermagem*

1 INTRODUÇÃO

A educação é um processo complexo e dinâmico, que necessita constantemente ser renovado para uma adequada integração e aplicação no meio social.

A escola portanto, deve proporcionar aos alunos experiências que lhes permitam desenvolver suas potencialidades, de acordo com os objetivos e finalidades do curso, sem, no entanto, descuidar das expectativas do educando.

Segundo Sousa (1995), a verdadeira finalidade da aprendizagem não consiste na reprodução pura e simples de um modelo, mas sim em resolver situações, criar e reinventar soluções para os problemas.

O Curso de Qualificação Profissional de Auxiliares de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) em funcionamento desde o ano de 1989, através da Portaria de Reconhecimento nº 19775 de 12 de outubro de 1988 da Secretaria de Educação e do Parecer nº 961/88 do Conselho Estadual de Educação, vem formando profissionais de nível médio para o exercício da função de auxiliar de enfermagem em instituições de saúde da comunidade.

Considerando este tempo, no qual já formamos 10 turmas, habilitando um total de 184 profissionais, muitas modificações já se processaram e acreditamos ser oportuno avaliá-las, identificando aspectos positivos e negativos de seu atual funcionamento, uma vez que a avaliação pelos agentes que atuam na escola pode conduzir a uma análise e a um redimensionamento do modo de funcionar da mesma, levando-a a uma posição compromissada com os alunos que a freqüentam.

2 OBJETIVO

O presente estudo tem por objetivo conhecer a opinião dos alunos sobre o curso quanto a: alcance dos objetivos propostos, duração do curso, conteúdos ministrados e integração teoria x prática, estágios e processo de avaliação.

1 Professora Assistente do Departamento de Administração e Orientação Profissional da EEUFRGS. Chefe do Serviço de enfermagem Médica do HCPA. Mestre em Administração-PPGA-UFRGS.

2 Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem Médico Cirúrgica da EEUFRGS. Diretora da Escola de Auxiliares e Técnicos de Enfermagem do HCPA. Mestre em Educação-PUCRS

3 Professora Assistente do Departamento de enfermagem Médico Cirúrgica da EEUFRGS. Mestre em Educação-PUCRS

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Avaliar, no sentido mais genérico que se possa dar à palavra, é determinar valores através de ações apropriadas. Segundo Carvalho (1992) a avaliação facilita o conhecimento de uma dada realidade organizacional.

Siqueira e Casagrande (1984) citados por Chaves e Magalhães (1995) consideram que o desenvolvimento de um sistema de ensino, em qualquer área de atuação, inicia-se com a especificação das metas da instrução, que constitui o objetivo a ser lançado, envolvendo comportamentos e aspirações humanas e complexas; outro componente corresponde ao comportamento de entrada, repertório inicial de interesses, necessidades, informações, ideais, conhecimentos, atitudes e experiências; e um terceiro componente refere-se à avaliação de desempenho que constitui uma espécie de "controle da qualidade" para se verificar se os objetivos finais foram alcançados.

Quando realizamos uma avaliação há pelo menos três grupos de pessoas interessadas: aqueles que coordenam ou dirigem o curso, programa ou projeto, imprimindo-lhes sua própria filosofia, aqueles que são os destinatários e portanto beneficiários do empreendimento, vivenciando seu cotidiano, e aqueles que são vítimas, ou seja, que podem ter sido afetados pelo processo avaliativo e sua forma de condução (Penna Firme, 1994).

Sousa (1995) afirma de que há causas fora da escola que condicionam dificuldades e insucessos dos alunos, mas que é preciso verificar também, dentro da escola, como esta vem tratando as suas dificuldades e produzindo os seus fracassos. Reconhece que, também na escola, por meio de mecanismos mais ou menos explícitos, há uma prática discriminatória, que acentua um processo de seleção e manutenção da hierarquia social.

A avaliação, segundo Rohde (1993), é o primeiro passo na provisão dos subsídios necessários para determinar as modificações que levam ao aprimoramento, pois são discutidos aspectos importantes, tais como: a distribuição das disciplinas, seu conteúdo e carga horária, salienta ainda que a avaliação deve ser contínua e envolver toda a comunidade: professores, alunos e funcionários.

Outro aspecto levantado por Sousa (1995) enfoca como principal finalidade da avaliação o fornecimento de informações sobre o processo pedagógico, as quais permitam aos agentes escolares decidir sobre intervenções e redirecionamentos que se fizerem necessários no replanejamento do projeto educativo e organizacional.

Oliveira e Chadwick (1984) salientam que os

centros de treinamento são avaliados em relação ao que oferecem, tal como: qualificação dos professores, disponibilidade de equipamentos audiovisuais, área física, tradição ou inovação, etc. Isto não tem necessariamente nenhuma relação com o real aproveitamento dos alunos, no entanto, parece ser a razão fundamental da educação e do treinamento. Para eles a educação atua como um feedback no sistema e o output do aluno fornece elementos para: reformular os objetivos da instrução, reformular a própria instrução, reformular os objetivos do aluno, reformular o currículo, verificar se os objetivos foram atingidos, pelo aluno ou pelo programa e/ou tomar decisões de natureza variada.

4 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo, realizado em janeiro de 1997, ao término do curso, em uma escola de auxiliares de enfermagem particular, vinculada a um hospital de ensino. Salienta-se que para os alunos do curso que são funcionários do hospital, 50% da mensalidade é subsidiada pela própria instituição.

A população envolveu os 16 alunos, de ambos os sexos, regularmente matriculados no curso. Os dados foram coletados através de um questionário, contendo dados de identificação e questões fechadas e abertas. O instrumento foi preenchido pelos alunos após orientação e explicação pelas autoras quanto aos objetivos do estudo. Foi permitido aos alunos levarem o instrumento para preenchimento e devolução posterior. Obteve-se um retorno de 68,75% dos instrumentos distribuídos.

A análise dos dados foi realizada através de estatística descritiva e distribuição das frequências dos escores dos instrumentos, sendo que as questões foram categorizadas para apresentação.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados nos mostram uma população predominantemente feminina (81,8%), o que coincide com um estudo similar de Machado e Santeso (1997) cujo percentual de mulheres foi de 64 e 68%. Estes achados não nos causam surpresa pois é histórica a preponderância do sexo feminino em profissionais de enfermagem, isto aparece na maioria dos estudos nos quais este dado é investigado, Backes et al. (1996), Gelain et al. (1996) e outros.

A idade dos respondentes não mostrou nenhuma significância tendo em vista que oscilou entre 19 e 43 anos de idade, representando uma faixa bastante ampla.

O nível de escolaridade predominante foi o 2º grau completo 72,7%, apesar da exigência

mínima para o ingresso no curso ser o 1º grau completo.

Observou-se que 100% dos respondentes não atuavam na área antes de iniciar o curso e buscavam através do mesmo obter uma profissão, este dado apareceu através das respostas obtidas na questão 5 do instrumento, num percentual de 80%, ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a realizar o curso.

Ao serem solicitados a justificar sua opção por realizar o curso nesta instituição, 54,5% dos alunos responderam que foi devido a ótima qualidade do curso, 45% referiram reconhecimento público da instituição e 27% referiram custo acessível. Apenas 9% justificou a procura do curso pelo fato dele ser rápido, este dado coincide com o estudo de Machado e Santesso (1997). Aqui percebe-se que apesar dos alunos buscarem ingressar numa profissão, também estão buscando uma formação com qualidade. Este dado é confirmado na resposta 7 quando os mesmos 63% responderam que queriam ser um bom profissional, desenvolvendo conhecimento e habilidades acerca da função de auxiliar de enfermagem.

Com relação a opinião dos alunos sobre o funcionamento do curso, a totalidade dos alunos (100%) respondeu que o mesmo atendeu os objetivos propostos no plano de curso, apontando como justificativas: o desenvolvimento dos conteúdos na teoria e na prática e por sentirem-se habilitados a trabalhar.

Quanto aos conteúdos, 81% dos alunos consideraram que os mesmos foram totalmente aplicáveis no trabalho, apenas 18% consideraram que apenas parte do mesmo poderia ser aplicada.

Quanto a duração e a carga horária do curso, 100% julgou que as mesmas são adequadas para o bom desenvolvimento do aprendizado. O curso em questão possui uma carga horária total de 1270h, distribuída por módulos. A carga horária mínima exigida pela secretaria de educação para funcionamento dos cursos supletivos de qualificação profissional é de 1140 horas. Estes achados nos permitem inferir tal qual Machado e Santesso (1997) que o tempo de duração do curso é suficiente para o aprendizado do aluno.

Ao serem questionados a respeito da proporção existente entre a teoria e a prática no programa desenvolvido, 54,5% dos alunos julgaram que deveria haver mais prática, 36% avaliaram a proporção como boa e apenas 9% julgou que a teoria e a prática deveriam ser aumentadas. Esta resposta não mereceu consideração maior, pois ao serem questionados sobre a duração do curso, todos responderam que a mesma era suficiente. Analisando estes resultados, percebe-se a preocupação do aluno com o fazer em detrimento do saber. Isto pode ser identificado se revisarmos a história do conhecimento na enfermagem, pois segundo Almeida e Rocha (1989),

uma das primeiras manifestações organizadas e sistematizadas do saber na enfermagem é constituída pelas "técnicas ou arte de enfermagem" como eram denominadas, e estas constituíam-se, portanto, no principal conhecimento do ensino de enfermagem.

Ressaltamos que o curso em questão, no seu último módulo, desenvolve estágio supervisionado com os alunos em unidades de internação onde eles prestam cuidados aos pacientes, perfazendo um total de 500 horas, o que representa um percentual de 39,37% em relação a carga horária total do mesmo.

Estamos de acordo, no entanto, com o que afirmam Almeida e Rocha (1989), que a prática só se realiza com qualidade, se subsidiada por um embasamento teórico adequado. Somente dentro desta perspectiva é que poderemos ampliar a dimensão intelectual do trabalho de enfermagem.

Outro aspecto investigado foi quanto as condições ambientais; 54,5% dos alunos julgaram excelente, 36% muito bom, apenas 9% classificaram este aspecto como bom.

A análise das respostas nos permite salientar que as condições ambientais são adequadas ao processo de ensino-aprendizagem. Salienta-se que o aprendizado ocorre em um hospital universitário, dotado de toda a infra-estrutura material e ambiental.

Na questão número 15, que dizia respeito ao material didático utilizado pelo curso, 45,5% responderam que consideraram o mesmo muito bom, 36,3% o qualificaram como bom, 9% o consideraram regular e 9% como excelente. Estes dados permitem-nos perceber que a maioria dos alunos considera o material de boa qualidade.

Em relação aos itens que mais contribuíram para a aprendizagem, apareceram em ordem de prioridade os seguintes: aulas práticas de execução, aulas práticas demonstrativas, aulas expositivas, visitas de observação e exercícios.

Esta variedade de opções é reforçada por Sant'Anna et al. (1995), quando afirmam que os alunos diferem entre si e por isso necessitam de diferentes tipos de aprendizagem para o seu desenvolvimento. Saldanha (1978) considera que as experiências de aprendizagem são o 3º principal componente de um sistema de organização de ensino, é o componente que prevê como se processará a aprendizagem, a fim de que os alunos mais rápida, eficiente e eficazmente alcancem os objetivos propostos.

Levando-se em conta que o exercício da função de auxiliar de enfermagem exige muita habilidade psicomotora do aluno, é importante que o mesmo a experencie para o aprendizado, confirmando o que diz Sant'Anna et al. (1995) de que o processo de ensino-aprendizagem é tanto mais eficaz quanto mais se possa realizar uma experiência direta.

Ao serem questionados sobre o trabalho desenvolvido junto ao Serviço de Psicologia, as opiniões apenas variaram entre o excelente 63,6% e o muito bom 37,4% levando-nos a acreditar que nossos objetivos ao planejar esta integração com outra área foram alcançados garantindo em diversos momentos o apoio emocional necessário aos alunos.

Quanto ao sistema de avaliação utilizado pelos professores, 54,5% dos alunos julgaram ser bom, 27% muito bom, 9% o consideraram excelente e outros 9% como deficiente. Estes achados nos levam a fazer uma reflexão sobre o processo de avaliação utilizado, tendo em vista que o mesmo pode servir como meio de controle de qualidade e, segundo Bloom (1972), assegura que cada novo ciclo de ensino-aprendizagem alcance resultados tão bons ou melhores que os anteriores.

Ao avaliar os campos de estágios, em sua maioria os alunos os consideram como excelente, muito bom e bom. Apenas 9% consideraram a área materno-infantil como regular e 9% a área de enfermagem médica.

Estes achados são confirmados no estudo de Machado e Santesso (1997), onde os alunos também demonstraram satisfação com os campos de estágio, uma vez que os mesmos propiciam vivenciar na prática aquilo que aprenderam na teoria.

Quanto ao item número 20, relativo ao curso ter ou não correspondido as suas expectativas, 100% dos alunos apontaram sim e justificaram sua opinião mencionando:

- "aprendizagem de coisas novas",
- "possibilita ver o paciente como um todo",
- "conhecimento da profissão e do seu desenvolvimento",
- "segurança para o desempenho das atividades profissionais".

Dos alunos que responderam que o curso correspondeu as suas expectativas, apenas 18% na justificativa apontaram aspectos negativos como:

- "pouco tempo de estágio limitando o aprendizado prático e não oferecendo segurança no desempenho de todas as atividades."

Este mesmo dado apareceu para Machado e Santesso (1997, p.61), nos alunos que classificaram seu curso como bom, através da seguinte expressão: "o curso é bem aproveitável, embora seja dado em pouco tempo".

O último item do instrumento ofereceu oportunidade aos alunos de expressarem-se livremente, oferecendo sugestões das quais destacamos:

- "muitas interrupções, férias de julho, de verão, e recesso natalino durante o curso"
- "provas muito cumulativas",
- "professores ótimos, com saber elevado",
- "boa receptividade pelos funcionários do hospital".

6 CONCLUSÃO

A necessidade de implementarmos melhorias na assistência de saúde a população encontra na educação um dos seus aliados, pois ela é considerada como um fator de mudança, renovação e progresso.

Na área de enfermagem, a formação e atuação dos membros da equipe tem sérias repercussões, uma vez que, além de representarem 50% do contingente de pessoal da organização hospitalar, são estes profissionais que permanecem 24 horas junto aos pacientes e prestam cuidados integrais de enfermagem ao ser humano. Desta forma, para o estabelecimento de uma assistência de enfermagem qualificada, faz-se necessário a existência de cursos que mantenham a permanente atualização e avaliação contínua de seu funcionamento.

O curso em estudo é reconhecido na comunidade e vem alcançando seus objetivos junto a mesma. Este estudo leva-nos a repensar sobre seu planejamento e a rever alguns pontos levantados nesta avaliação: entre eles o sistema de avaliação e a necessidade de transmitir e internalizar no aluno a importância do embasamento teórico para uma formação profissional qualificada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALMEIDA, M.C. P.; ROCHA, J. S. Y. *O saber de enfermagem e sua dimensão prática*. São Paulo: Cortez, 1989.
- 2 BACKES, V. M. S. et al. Avaliação interna da pós-graduação em enfermagem da UFSC: a percepção dos mestrandos. *Revista Texto & Contexto*, Florianópolis, v.5, n. esp., p.52-72, 1996.
- 3 BLOOM, B. *Taxionomia de objetivos organizacionais*. Porto Alegre, Globo/UFRGS, 1972.
- 4 CARVALHO, M. C. da Silva. A avaliação no setor de Recursos Humanos. *R. Dois Pontos*, São Paulo, v.2, n.13, ago. 1992.
- 5 CHAVES, E. H. B., MAGALHÃES, A.M.M. O processo de avaliação no ensino de enfermagem: algumas considerações. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v.8, n.1/2, p.124-138, abr./out.1995.
- 6 FIRME, T. Penna. Avaliação: Tendências e Tendenciosidades. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, jan/mar. 1994.
- 7 GELAIN, et al. Avaliação da PEN/UFSC pelo corpo docente. *Revista Texto & Contexto*, Florianópolis, v.5, n. esp., p.24-51, 1996.
- 8 MACHADO, K.; SANTESSO, P. Avaliação do curso de auxiliar de enfermagem segundo a visão dos alunos. *Revista da Escola Enfermagem, USP, São Paulo*, v. 31, n.1, p.51-67, abr. 1997.
- 9 OLIVEIRA, J.B.; CHADWICK, C. B. *Tecnologia educacional-teorias da instrução*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- 10 RHODE, L. A avaliação do ensino médico. *Revista HCPA*, Porto Alegre, v.13, n.2, p.65-72, ago. 1993.
- 11 RIO GRANDE DO SUL (ESTADO) Secretaria da Educação. Comissão de Ensino Supletivo. Portaria nº 19.775 de 12 de outubro de 1988. Porto Alegre: Secretaria da Educação, 1988.
- 12 SALDANHA, L. E. *Tecnologia educacional*. Porto Alegre: Globo, 1978.
- 13 SANT'ANNA, F. M. et al. *Planejamento de ensino e avaliação*. Porto Alegre: Sagra- DC- Luzatto, 1995.

- 14 SIQUEIRA, M. M.; CASAGRANDE, L. d. R. Noções gerais sobre abordagem sistêmica e a ação educativa do enfermeiro. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v.5, n.2, p.327-339, jul. 1984.
- 15 SOUSA, C. P. et al. *Avaliação do rendimento escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

Endereço do autor:
Author's address:

Enaura Helena Brandão Chaves
Rua São Manoel, 963
Porto Alegre - RS - Brasil
CEP: 90620-110

ABSTRACT

The study evaluates the performance of a nursing auxiliary course developed in a University Hospital. The aim is to identify positive and negative aspects of its functioning through the previous students opinion about: proposed objectives, duration of the course, subjects developed, theory and practice integration, practical lessons and the evaluation process. The data were collected through a sample of sixteen students that answered a questionnaire. The results showed that the evaluated course is well recognised by the community, although some suggestions indicate that we need to think about a best way of transmitting and internalising in the students the importance of theoretic background to a qualified professional performance.

KEY WORD: *nursing education, nursing course*

RESUMEN

El estudio evalúa el desempeño de un curso de auxiliar de enfermería desarrollado en un hospital-escuela, identificando aspectos positivos y negativos de su funcionamiento a través de la opinión de alumnos egresos en relación a alcanzar los objetivos propuestos, duración del curso, los contenidos ministrados, integración de la teoría x practica, las practicas y el proceso de evaluación. Los datos fueron colectados en una población de 16 alumnos que respondieron un cuestionario donde los resultados identificaron que el curso valuado es reconocido en la comunidad y esta alcanzando los objetivos junto a ella, pero, algunas sugerencias dadas nos llevan a repensar una mejor forma de transmitir y internalizar en el alumno la importancia del embazamiento teorico para la formación profesional calificada.

DESCRIPTORES: *cursos de enfermería, valuación*